



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LINGUA PORTUGUESA

ISAIAS RODRIGUES LIMA

**DESIGUALDADE SOCIAL E VIOLÊNCIA POLICIAL EM DUAS NARRATIVAS
CONTEMPORÂNEAS: BREVE APRESENTAÇÃO E POSSIBILIDADES DE
ENSINO**

CAMPINA GRANDE

2023

ISAIAS RODRIGUES LIMA

**DESIGUALDADE SOCIAL E VIOLÊNCIA POLICIAL EM DUAS NARRATIVAS
CONTEMPORÂNEAS: BREVE APRESENTAÇÃO E POSSIBILIDADES DE
ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a coordenação do Curso de Letras Português Campus I da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Área de concentração: Letras

Orientador: Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732d Lima, Isaias Rodrigues.
Desigualdade social e violência policial em duas narrativas contemporâneas [manuscrito] : breve apresentação e possibilidades de ensino / Isaias Rodrigues Lima. - 2023.
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. "

1. Letramento literário. 2. Desigualdade social. 3. Violência policial. 4. Literatura marginal. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ISAIAS RODRIGUES LIMA

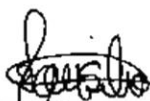
**DESIGUALDADE SOCIAL E VIOLÊNCIA POLICIAL EM DUAS NARRATIVAS
CONTEMPORÂNEAS: BREVE APRESENTAÇÃO E POSSIBILIDADES DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a coordenação do Curso de Letras Português Campus I da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Área de concentração: Letras

Aprovado em: 28/11/2023

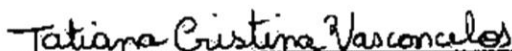
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Valdecy Margarida da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais por todo incentivo e dedicação e pela paciência de sempre comigo, DEDICO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 QUAL RELAÇÃO DO RACISMO COM A DESIGUALDADE SOCIAL E A VIOLÊNCIA POLICIAL?	8
3 REPRESENTAÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIAL E VIOLÊNCIA POLICIAL EM DUAS NARRATIVAS: FERREZ E MARCELINO FREIRE EM DIÁLOGO?	12
3.1 Análise do conto “o grande assalto”, de Ferréz	13
3.2 Análise do conto “Da paz”, de Marcelino Freire	17
4 NA SALA DE AULA: DIÁLOGOS SOBRE LITERATURA E CRÍTICA SOCIOCULTURAL	19
4.1 Relato do plano de aula realizado no curso piloto de literatura	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	29

DESIGUALDADE SOCIAL E VIOLÊNCIA POLICIAL EM DUAS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS: BREVE APRESENTAÇÃO E POSSIBILIDADES DE ENSINO

SOCIAL INEQUALITY AND POLICE VIOLENCE IN TWO CONTEMPORARY NARRATIVAS: BRIEF PRESENTATION AND POSSIBILITIES OF TEACHING

Isaias Rodrigues Lima*

RESUMO

Neste trabalho discutimos, ainda que brevemente, a representação da desigualdade social e violência policial nos contos O grande assalto, de Ferréz (2006), e Da paz, de Marcelino Freire (2008), observando também, no processo analítico, aspectos linguístico-estéticos. Além disso, objetiva-se, dialogando com o letramento literário proposto por Cosson (2009), bem como as contribuições de Dalvi (2013) e Chartier e Hébrard (1995), discutir possibilidades de uma sequência didática com os dois contos mencionados, tendo em vista o público de Ensino Médio. Por fim, considerando que a proposta elaborada foi aplicada em um curso-piloto no modelo remoto ofertado pelo componente Estágio supervisionado de literatura no ensino médio, do curso noturno de Letras-Português, da Universidade Estadual da Paraíba, os resultados da experiência docente estão dispostos nas páginas finais do presente artigo, para que futuros docentes possam, em suas práticas, fazer a inserção crítica da temática discutida.

Palavras-chave: Letramento Literário. Desigualdade social. Violência Policial. Literatura Marginal.

ABSTRACT

In this work we intend to discuss, albeit briefly, the representation of social inequality and police violence in the short stories O Grande Assault, by Ferréz (2006), and Da Paz, by Marcelino Freire (2008), also observing, in the analytical process, aspects linguistic-aesthetics. Furthermore, the objective is, in dialogue with the literary literacy proposed by Cosson (2009), as well as the contributions of Dalvi (2013) and Chartier and Hébrard (1995), to make didactic suggestions with the two stories mentioned, taking into account the public of High School. Finally, considering that the proposal developed was applied in a pilot course in the remote model offered by the Supervised Literature Internship component in high school, of the evening course in Literature-Portuguese, at the State University of Paraíba, the results of the teaching experience are available in the final pages of this article, so that future teachers can, in their practices, critically insert the topic discussed.

Keywords: Literary literacy. Social inequality. Police violence. Marginal literature

* Aluno do Curso de Licenciatura em Letras-Português, da Universidade Estadual da Paraíba– UEPB
E-mail: isaias.lima@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Falar de desigualdade na realidade social em que vivemos não é uma tarefa muito difícil. Quando olhamos a vida a nossa volta, constatamos a diferença de classes no Brasil, que, somada a outros fatores como raça, gênero, orientação sexual, etc, gera opressão material e simbólica. A população que mais sofre é aquela marginalizada, por conta da falta de oportunidade e dos olhares tortos advindos da classe dominante (ou mesmo de seus iguais que estão em processo de alienação¹). A desigualdade social também pode ser percebida na forma como a polícia atua violentamente sobre aqueles que vivem à margem: negros diariamente são oprimidos e, muitas vezes, mortos injustamente; muitos pobres são presos pelo simples fato de residirem em zonas menos favorecidas; pais e mães de família sofrem as perdas de seus filhos, vítimas da violência dos próprios órgãos de segurança pública.

Em 2021, havia um ápice de 62,525 milhões de brasileiros abaixo da linha de pobreza, o equivalente a 29,4% da população sobrevivendo com menos de R\$ 16,20 por dia, segundo os dados da Síntese dos Indicadores Sociais (SIS) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ainda pelo mesmo instituto cerca de 80% desses eram moradores da zona periférica.

Reginaldo Ferreira da Silva (Ferréz)², como é conhecido no meio literário e cultural, apresenta em suas obras problemas cotidianos vividos pela população das regiões periféricas, revelando a violência escancarada a que seus personagens são expostos. Marcelino Juvêncio Freire, por sua vez, tira o leitor do senso comum, ao mostrar, através de suas obras, outras possibilidades de visão de mundo, tornando, talvez, esse leitor mais consciente do seu papel e das políticas que governam a sociedade. Os dois autores são importantes para a compreensão e para a produção da literatura marginal, considerada uma escrita que tematiza o que é peculiar aos homens e espaços tidos como marginais.

Tratar desse assunto na sala de aula na disciplina de literatura é extremamente pertinente, uma vez que isso pode ajudar no entendimento do porquê vivemos em um mundo tão desigual, tornando, assim, o cidadão cada vez mais consciente de suas

¹ Na teoria marxista, alienação constitui uma espécie de mecanismo social capaz de deslocar o trabalhador do seu lugar de produtor para o de consumidor

² romancista, contista, poeta e empreendedor brasileiro. Costuma utilizar em suas obras a chamada "literatura marginal", por ser desenvolvida na periferia das grandes cidades e tratar de temas relacionados a este universo.

práticas sociais. Diante disso, esse artigo objetiva discutir no processo analítico, aspectos linguístico-estéticos fazendo uma breve representação da desigualdade social e violência policial nos contos “O grande assalto”, de Ferréz (2006), e “Da paz”, de Marcelino Freire (2008), dialogando com o letramento literário proposto por Cosson (2009), discutir possibilidades de sequências didáticas com os dois contos mencionados, tendo em vista o público de ensino médio.

Para que isso aconteça, evidenciaremos a realidade em que vive grande parte da população: os sofrimentos que envolvem a dificuldade para conseguir trabalho e para se manter nele; a falta de dinheiro; o preconceito, e, em linhas gerais, a desigualdade social existente em nosso país, assim como a luta pelos direitos humanos. A ideia central dessa pesquisa é convidar o leitor a refletir sobre a diferença de tratamento entre a população periférica e a população privilegiada — ou seja, refletir a respeito do preconceito de classe e do racismo presentes em nosso país, que, segundo Almeida (2028, p. 28), “o racismo é uma imoralidade e um crime, que exigem que aqueles que o praticam sejam devidamente responsabilizados, disso estamos convictos”.

Nossa pesquisa é bibliográfica, pois estudamos um conjunto de textos teórico-críticos sobre a literatura marginal³, sobre aspectos temáticos e estilísticos dos autores Ferréz (2006) e Freire (2008), bem como sobre questões em torno da desigualdade social, especialmente aquela que advém do atravessamento da classe e raça. Além disso, nosso estudo também é uma pesquisa-ação, na medida em que relata reflexivamente uma proposta de trabalho com os contos, objeto de nossa crítica literária, bem como apresenta os resultados da aplicação da sequência didática no curso-piloto ofertado pelo componente de Estágio Supervisionado de literatura, do curso de Letras Português do Campus I da UEPB.

A seguir, discutimos a relação do racismo com a desigualdade social e a violência policial, a representação da desigualdade social e violência policial com base nas obras de Ferréz e Freire, bem como dialogamos sobre literatura e crítica sociocultural, numa perspectiva didática.

³ “conferem novas configurações do literário, que certamente obrigam a teoria a repensar não apenas suas categorias e parâmetros de análise, como ainda a sua tarefa política de resistência à dominação do conhecimento” (OLIVEIRA, 2011, p.38).

2 QUAL RELAÇÃO DO RACISMO COM A DESIGUALDADE SOCIAL E A VIOLÊNCIA POLICIAL?

A desigualdade social escancara uma realidade que oprime os menos favorecidos, sobretudo os negros, uma vez que desde o período da escravidão são os que mais vivem à margem da sociedade. A dívida que o país tem com esta população é imensa, não há um prazo para que essa dívida seja quitada. Refletir e escancarar nas mais variadas camadas é extremamente importante, uma vez que trataremos como sujeitos as questões que são essenciais para o rompimento da narrativa dominante e não seremos tão somente capítulos em compêndios que ainda pensam a questão racial como recorte.

O negro vive uma vida de resistência constante, são inúmeros os deslizos que as mais variadas esferas da cúpula social cometem com o povo negro. E o pior de tudo isso é que as instituições muitas vezes se omitem e não cumprem com seu papel de proteger essas minorias. Almeida (2019, p. 32) diz que “Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade”. Para o autor, devemos discutir e tratar efetivamente sobre a questão do racismo para que os futuros agentes sociais mudem essas práticas que são tidas como “normais”.

Sobre o racismo, Almeida (2019) afirma que a segregação racial não oficial entre negros e brancos que vigora em certos espaços sociais é justificada culturalmente e explicada por argumentos como:

- 1- Pessoas negras são menos aptas para a vida acadêmica e para a advocacia;
- 2- Pessoas negras, como todas as outras pessoas, são afetadas por suas escolhas individuais, e sua condição racial nada tem a ver com a situação socioeconômica;
- 3- Pessoas negras, por fatores históricos, têm menos acesso à educação e, por isso, estão alocadas em trabalhos menos qualificados, os quais, conseqüentemente, são mal remunerados;
- 4- Pessoas negras estão sob o domínio de uma supremacia branca politicamente construída e que está presente em todos os espaços de poder e de prestígio social.

Pensando nisso, entendemos porque a criminalidade está tão presente especialmente nas médias e grandes cidades do país. Há claramente um nível

abismal de desigualdade na distribuição de riquezas, as oportunidades de escolaridade e de trabalho são poucas. As políticas de cotas foram um passo importante na inserção da população negra na universidade, quiçá em postos de trabalho mais qualificados, mas, mesmo assim, se mostraram insuficientes para a completa cidadania das pessoas. Sendo assim, parece correto afirmar que numa sociedade profundamente desigual, a violência, sobretudo nas camadas mais pobres, aparece com maior frequência, haja vista a ausência das políticas sociais do estado. Aliás, quando este entra nas comunidades, não raro, é sob as rodas do camburão da polícia.

Para Almeida (2019, p. 33), o racismo estrutural é uma das causas da violência policial em locais e zonas periféricas. Isso porque o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. Podemos aqui claramente entender que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática, como é o caso da população negra frente a essa relação direta com a violência sofrida diariamente pelos policiais, para a sociedade a figura do negro está diretamente ligada ao mundo da criminalidade, e há por parte de quem põe em prática a lei (os policiais) uma clara autorização de muita barbáries, pelo fato da população pobre ter menos acesso à justiça.

Almeida (2019, p.34), quando diz que “pode parecer fora de lugar falar em racismo, machismo, capitalismo e estruturas de poder em um país que tem em seu imaginário a mestiçagem e a defesa como povo amistoso celebrada internacionalmente”, nos leva a refletir sobre como um país tão misto pode ser tão desigual? A sociedade brasileira, embora tenha muitas políticas e ações sociais implementadas, não deixa de escancarar quão preconceituosa e o quão odiosa o é, pois comunga em sua grande maioria, de falas e atitudes totalmente preconceituosas, um fato que repercutiu muito no ano 2021, e que pode servir de exemplo foi um determinado episódio de racismo que aconteceu abertamente na casa do BBB (reality show exibido pela Rede Globo), onde o participante Rodolfo (cantor sertanejo) desdenha do cabelo black do participante João (professor negro), usando uma peruca toda desarranjada para fazer o comparativo, a sociedade e o próprio programa usou do ao vivo para enfatizar o discurso, e mostrar o quão enraizado é o preconceito.

Um outro exemplo triste, mas atual dessa realidade, é a polarização consequente das últimas eleições, com enfoque para os discursos de ódio⁴ professados pelo candidato de extrema direita Jair Messias Bolsonaro, que tentava a reeleição para presidente, e seus seguidores mais radicais. Em uma fala para o Clube Hebraica do Rio de Janeiro, Bolsonaro se referiu ao povo quilombola de modo desumanizador, ao associar o peso de uma pessoa negra à medida da arroba, acrescentando que ela não servia nem para procriar. Noutra oportunidade, em uma entrevista a um programa de televisão, o então deputado federal afirmou que preferia um filho morto ao vê-lo casado com uma mulher negra. Somado a isso, por diversas vezes disse que “bandido bom era bandido morto”, frase da qual depreendemos o pouco valor dado à vida, sobretudo se for de uma pessoa pobre, negra e periférica.

Isso preocupa e nos faz refletir sobre o modo como um discurso, quando proferido por um representante de estado e que tem correligionários, tem poder de reprodução entre as pessoas que estão sob sua influência, pois era frequente parte dos brasileiros, sobretudo os que votaram em Bolsonaro nas últimas eleições, repetir uma linguagem e ideário racista nas suas relações interpessoais.

Nesse contexto, percebemos uma subjetivação preconceituosa e racista enraizada nos discursos e atos desse político e de muitos que o seguem. Os direitos humanos, tão importantes para a proteção da dignidade de qualquer pessoa, foram em muitos momentos suprimidos, e até atacados, pela política de estado bolsonarista.

Voltando à frase “bandido bom é bandido morto”, é nítido o grande número de pessoas negras e que vivem em zonas menos favorecidas que são mortas pela polícia cotidianamente. De igual modo, é grande a quantidade de pessoas do mesmo público que estão dentro dos sistemas prisionais. Sobre isso, Borges (2019, p. 21) afirma:

O sistema de justiça criminal tem profunda conexão com o racismo, sendo o funcionamento de suas engrenagens mais do que perpassados por essa estrutura de opressão, mas o aparato reordenado para garantir a manutenção do racismo e, portanto, das desigualdades baseadas na hierarquização racial.

Segundo dados do Infopen⁵ 2014, entre os presos 61,7% são pretos ou pardos. Vale lembrar que 55,8% da população brasileira são considerados negros. Segundo o IBGE 2018, em relação ao nível de pobreza 75,2% das pessoas que vivem com 10%

⁴ Por discurso de ódio, entendemos toda e qualquer manifestação de “ideias que incitem a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”.

⁵ Sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro

das menores rendas do país são negras, o que é uma situação gritante. Chega a ser ainda pior quando pegamos o número de pessoas negras que são formadas no país. Segundo um levantamento de junho de 2020, feito pela Liga de Ciência Preta Brasileira, dentre os alunos de pós-graduação, 2,7% são pretos, 12,7% são pardos, 2% são amarelos, menos de 0,5% é indígena e 82,7% são brancos.

É sempre válido refletir e dialogar sobre esses eixos temáticos, uma vez que colocamos em evidência muitas problemáticas que de fato são pertinentes a contemporaneidade literária e as discussões dentro dos espaços escolares. Borges (2019, p.21) afirma sobre o sistema de encarceramento nacional:

Além da privação de liberdade, ser encarcerado significa a negação de uma série de direitos e uma situação de aprofundamento de vulnerabilidades. Tanto o cárcere quanto o pós-encarceramento significam a morte social desses indivíduos negros e negras que, dificilmente, por conta do estigma social, terão restituído o seu status, já maculado pela opressão racial em todos os campos da vida, de cidadania ou possibilidade de alcançá-la. Essa é uma das instituições mais fundamentais no processo de genocídio contra a população negra em curso no país.

Se a realidade de uma pessoa negra ou de um morador de uma zona periférica já é difícil sem o fato de ser uma pessoa privada de liberdade, coloquemos em evidência portanto uma pessoa pós sistema prisional. A própria realidade social nos faz refletir sobre o porquê as pessoas que vivem nessas zonas periféricas, são levadas diretamente a criminalidade. A resposta é clara, a desigualdade e a falta de oportunidade fazem com que essas pessoas optem por escolhas “erradas”.

Sobre a segregação e sobre essa violência policial vale ressaltar o que Borges apud Mbembe (2019, p. 24) afirma:

O poder de ditar quem deve viver e quem deve morrer é um poder de determinação sobre a vida e a morte ao desprover o status político dos sujeitos. A diminuição ao biológico desumaniza e abre espaço para todo tipo de arbitrariedade e inumanidade. No entanto, para o sociólogo há racionalidade na aparente irracionalidade desse extermínio. Utilizam-se técnicas e desenvolvem-se aparatos meticulosamente planejados para a execução dessa política de desaparecimento e de morte. Ou seja, não há, nessa lógica sistêmica, a intencionalidade de controle de determinados corpos de determinados grupos sociais. O processo de exploração e do ciclo em que se estabelecem as relações neoliberais opera pelo extermínio dos grupos que não têm lugar algum no sistema, uma política que parte da exclusão para o extermínio.

Borges deixa claro aí que nosso pensamento está condicionado a refletir sobre as prisões e a morte como algo inevitável para quaisquer transgressões

convencionadas socialmente, todavia devemos refletir e nos questionar sobre a ideia das prisões serem espaços de real ressocialização como se propõe? Como surge essa ideia da privação de liberdade como uma pena para quebra de convenções e contratos sociais? São as prisões as únicas formas de tratar certas quebras de acordos sociais?

Faz-se necessário, portanto, promover discussões sociais s/obre esse viés para que tenhamos, por parte da população, uma cobrança maior de políticas públicas que acabem com a violação do princípio de igualdade social que está disposto no artigo 5º da própria Constituição Federal. Divulgar, intermediar e ensinar a população deixando evidente a segregação racial e a violência cometida, em muitos casos, pela própria polícia, faz com que as pessoas questionem o atual sistema de justiça e debatam o abolicionismo penal⁶, tema cada vez mais central para a população negra.

3 REPRESENTAÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIAL E VIOLÊNCIA POLICIAL EM DUAS NARRATIVAS: FERREZ E MARCELINO FREIRE EM DIÁLOGO?

Tratar dentro da literatura de assuntos como o da desigualdade social é algo que se faz necessário, Ferréz ao constituir no corpus de seus contos e poesias várias problemáticas sociais das pessoas que vivem nas zonas periféricas da grande São Paulo, põe em discussão o que Candido (2000, p. 119) diz que “diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito”.

A literatura Marginal, portanto, pode trazer à tona dois sentidos distintos para se definir, de um lado serve para definir publicações literárias que são produzidas à margem do sistema editorial do Brasil ou seja que não seguem o cânone literário estabelecido, por outro lado como é o caso das obras de Ferréz e Freire, são obras de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou que tematizam o que é peculiar aos homens e espaços tidos como marginais.

⁶ Segundo Jodas (2022), a expressão abolicionismo penal denomina uma corrente política que visa deslegitimar a lógica da punição para práticas de delitos e do próprio sistema carcerário, a partir de uma crítica ao direito criminal.

Essa perspectiva de pensamento acredita que a centralização da ideia de pena/ou punição para qualquer tipo de infração/ou crime, além de ter se mostrado historicamente ineficaz, traz mais malefícios sociais – como discriminação de grupos e pessoas – e não atinge a raiz dos problemas.

Dalvi (2019, p.12) destaca que toda educação literária acontece em um contexto sócio, histórico, econômico, político e cultural”. Nesse sentido, é correto afirmar que a literatura marginal surge justamente do âmbito sociocultural que os autores vivem e tem um papel importante no que tange a educar quem lê. Diante do foi disposto vê-se também que esse tipo de literatura rompe paradigmas estruturais e cânones existentes contribuindo para o escancarar de temáticas que devem ser mostradas e são extremamente relevantes para serem levadas para dentro da sala de aula.

Ainda sobre isso, Justino (2007, p.190) afirma que:

A literatura tem sido pressionada a rever alguns de seus fundamentos. Tanto questões imanentes, como o debate sobre os gêneros literários como gêneros do discurso, sobre as formas da poesia nos meios eletrônicos e sobre os novos estatutos semióticos do romance contemporâneo, por exemplo, quanto questões que dizem respeito ao campo literário como espaço de saber social e a respeito de suas relações com as formas hegemônicas do poder político e com as elites intelectuais e econômicas estão postas na mesa.

O autor, de certo modo, nos leva a entender que a literatura está para além de um corpus operante dos grandes autores literários⁷, mostra que a nova forma de se fazer literatura evidenciando essas problemáticas sociais urgentes se faz mais que necessário.

Visto toda a explanação acerca da literatura marginal faz necessário dizer que tanto Ferréz quanto Freire tem em comum uma narrativa que se constrói através de uma encenação da linguagem que, junto da fragmentação pela pontuação truncada, dão forma a uma narrativa que se faz pela urgência em se relacionar com os problemas sociais de atual realidade histórica.

As obras de ambos são relevantes e se destacam na literatura brasileira, pois promovem o âmbito social da periferia inserindo-os nas diversas e variadas situações vivenciadas pelas personagens e tais situações nos levam a refletir sobre o modo como a literatura tangencia a relação do homem com o mundo.

3.1 Análise do conto “o grande assalto”, de Ferréz

⁷ Quando dizemos grandes autores, estamos nos referindo a nomes como, Machado de Assis, Graciliano Ramos, José de Alencar, Clarice Lispector e outros mais.

Para analisarmos bem a desigualdade dando ênfase à violência policial escancarada através da literatura apresentaremos inicialmente uma análise do conto “O grande assalto” (Ferrez, 2006, p. 26):

Avenida Santo Amaro. Às 13 h.

Um homem mal vestido para em frente a uma concessionária de automóveis fechada e nota as bolas promocionais amarradas à porta.

Um policial desce da viatura, olha para todos os lados e observa um suspeito parado em frente a uma concessionária. O suspeito está mal vestido e descalço.

Uma senhora sentada no banco do ônibus que para na avenida para pegar passageiros comenta com a moça sentada ao seu lado que tem um mendigo todo sujo parado em frente a uma loja de automóveis.

Um senhor passa por um homem todo sujo. segura a carteira e começa a andar apressado. Logo que nota a viatura estacionada mais à frente, se sente seguro, amenizando os passos.

Um jovem tenta desviar de trás do ônibus parado, os policiais que ele vê logo à frente lhe trazem desconforto, pois seu carro está repleto de drogas que serão comercializadas na faculdade onde estuda.

O homem malvestido resolve agir, dá três passos à frente, levanta as mãos e agarra duas bolas promocionais; faz a conta rapidamente e se sente realizado, quando pensa que ao vender as bolas comprará algo para beber.

Uma moça alertada pela senhora ao seu lado no ônibus, chama a atenção de vários passageiros para o homem que, segundo ela, é um mendigo, e diz alto que ele acabou de roubar algo na concessionária.

Um jovem com o carro cheio de drogas para vender na sua faculdade nota o homem correndo com duas bolas e dá ré no carro ao ver os policiais vindo em sua direção.

Um policial alcança o homem mal vestido e bate com o cabo do revólver em sua cabeça várias vezes; o homem tido como mendigo pelos passageiros de um ônibus em frente cai e as bolas rolam pelo asfalto.

Um motorista que dirige na mesma linha há oito anos tenta ficar com o ônibus parado para ver os policiais darem chutes e socos em um homem malvestido que está caído na calçada, mas o trânsito está livre e ele avança passando por cima e estourando duas bolas promocionais.

Ao lê-se o conto nota-se que há escancaradamente aspectos como a violência, a solidão, a miséria, a desumanização, que se destacam na literatura oriunda de um escritor periférico que é considerada literatura das margens⁸, a qual vem se tornando uma manifestação cultural em crescente desenvolvimento e propagação no quadro de nosso sistema literário contemporâneo.

Sobre isso, Candido (2011, p.179) diz que “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador dessa construção, enquanto construção”. Aqui ele deixa evidente que a literatura tem

⁸ Literatura produzida através do escancarar da linguagem e da realidade social vivida pelas pessoas que estão à margem da sociedade, contrapondo-se ao cânone existente pela literatura tradicional.

esse poder de construir uma estrutura coerente de palavras que colocadas no lugar correto, ordenam muito bem o que se fixará na mente de quem lê.

No conto em todos os momentos da narrativa as pessoas se sentem com medo (ameaçadas) de um homem que aparentemente é um mendigo pela maneira que se veste e se traça, observamos ainda que o homem mal vestido a todo momento só queria pegar as bolas promocionais para ter o direito de vender e conseguir comprar algo pra beber, mas todas as pessoas ao redor só o viam com maus olhos. Todavia, há na narrativa um real criminoso que passa impune pela polícia porque está em um carro e com trajes bem vestidos. Na sociedade não é muito diferente. Abaixo vemos a imagem de uma reportagem do jornal Estado de Minas, que mostra um homem que ficou preso por 16 anos de maneira injusta.

Imagem 1: Captura de tela de reportagem do jornal Estado de Minas



Fonte: <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/04/10/interna_nacional,1255759/homem-presoinjustamente-por-16-anos-e-solto-no-ceara.shtml> 2022

Em um dos trechos da reportagem o pedreiro negro⁹ Cicero José de Melo que atualmente tem 47 anos relatou como havia sido a abordagem policial. Disse que estava conversando com um cidadão quando uma viatura o abordou e falou que tinha cometido um crime. Nesse momento, o mesmo ficou sem saber o que fazer. Não pediram nem identificação. O colocaram dentro da viatura e o fizeram passar vergonha. As pessoas olhando para ele como se realmente tivesse cometido o crime mesmo. O tempo inteiro ele estava falando que era inocente e eles (os policiais) riam e debochavam de sua cara.

⁹ Na grande maioria das vezes as pessoas que são presas injustamente têm esse perfil: pertencem classe proletária (operária) e tem a cor de pele negra.

Assim como no conto o grande assalto muitos e muitos jovens negros, pessoas que de fato vivem à margem são diuturnamente presas, muitas vezes até mortas pelo simples fato de serem quem são, sendo esses muitas vezes vítimas apenas do sistema social, que classifica-os como sendo os bandidos e na verdade os maiores bandidos estão livres e impunes como o jovem universitário personagem do grande assalto que portava drogas no seu porta-malas para vender na sua universidade.

Diante do exposto, fica evidente que o conto busca em seus meios produtivos conotar a violência urbana, basta fazer uma intertextualidade entre o conto e a matéria exposta, vê-se de cara que Ferréz procura divulgar ou denunciar a realidade das periferias urbanas tanto nessa obra como em todas as suas produções literárias. Nessa escancarando a dura realidade da violência policial.

Como leitor somos capazes de identificar em vários fragmentos a crítica social embutida no relato. O senhor segura sua carteira com medo de ser roubado, a senhora comenta que há um mendigo suspeito na frente da concessionária de automóveis, o motorista revela a sua curiosidade sobre as ações do policial em relação ao homem malvestido. Todas as personagens desvelam o seu preconceito em relação ao mendigo e ninguém nota que o verdadeiro criminoso passa incólume entre eles e vai vender a droga, que traz em seu carro, na universidade onde estuda. Dessa forma, fica patente o preconceito e as injustiças sociais cometidas pelos policiais ou figuras de maior poder (patrões que humilham seus empregados, ricos que destratam pessoas de menor poder aquisitivo), que punem de forma desequilibrada alguns por pequenos delitos, enquanto fecham os olhos para coisas muito mais graves. Ser alguém pobre, morador da periferia é vivenciar situações de exclusão no contexto histórico-sociocultural e Ferréz expõe em seus textos a existência clara e objetiva desse tipo de preconceito social e o conto capta e reflete brilhantemente essa realidade que assola o mundo contemporâneo, particularmente nas grandes cidades brasileiras.

O texto de Ferréz vincula-se à vertente que os críticos nomearam como literatura marginal, pois reproduz uma situação corriqueira para expor, denunciar e buscar uma conscientização por parte do público leitor para que possam estar atentos à realidade cotidiana e que possam discernir entre a aparência e a essência das situações conflituosas que permeiam o universo das grandes cidades. A recepção do público é importante para que obras não canônicas possam ser lidas, comentadas, discutidas. Na contemporaneidade observamos o crescimento desse mercado com a

ascensão de rappers, do hip-hop, do funk (Emecida, Anitta e Nego do Borel), da literatura marginal. Recentemente houve uma polêmica com a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, que era moradora de favela da capital paulista e escreveu o livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, publicado em 1960, e que traz para o centro de sua obra um contexto de exclusão, de pobreza, e de questões relativas à raça negra e aos preconceitos e dificuldades vivenciados por aqueles que fazem parte dessa etnia.

3.2 Análise do conto “Da paz”, de Marcelino Freire

Para continuarmos analisando a desigualdade dando ênfase à violência policial escancarada através da literatura, faremos agora uma análise do conto “Da paz” (Freire, 2008, p.25):

Eu não sou da paz.

Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma, não, senhor. Não solto pomba nenhuma, não, senhor. Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça.

Uma desgraça.

Carregar essa rosa. Boba na mão. Nada a ver. Vou não. Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar. Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão. A paz não resolve nada. A paz marcha. Para onde marcha? A paz fica bonita na televisão. Viu aquela atriz? No trio elétrico, aquele ator?

Se quiser, vá você, diacho. Eu é que não vou. Atirar uma lágrima. A paz é muito organizada. Muito certinha, tadinha. A paz tem hora marcada. Vem governador participar. E prefeito. E senador. E até jogador. Vou não.

Não vou.

A paz é perda de tempo.

E o tanto que eu tenho para fazer hoje. Arroz e feijão. Arroz e feijão. Sem contar a costura. Meu juízo não está bom. A paz me deixa doente. Sabe como é? Sem disposição. Sinto muito. Sinto. A paz não vai estragar o meu domingo.

A paz nunca vem aqui, no pedaço. Reparou? Fica lá. Está vendo? Um bando de gente. Dentro dessa fila demente. A paz é muito chata. A paz é uma bosta. Não fede nem cheira. A paz parece brincadeira. A paz é coisa de criança. Tá uma coisa que eu não gosto: esperança. A paz é muito falsa. A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara. Sabe a madame? A paz não mora no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue.

Já disse. Não quero. Não vou a nenhum passeio. A nenhuma passeata. Não saio. Não movo uma palha. Nem morta. Nem que a paz venha aqui bater na minha porta. Eu não abro. Eu não deixo entrar. A paz está proibida. Proibida. A paz só aparece nessas horas. Em que a guerra é transferida. Viu? Agora é que a cidade se organiza. Para salvar a pele de quem? A minha é que não é. Rezar nesse inferno eu já rezo. Amém. Eu é que não vou acompanhar andor de ninguém. Não vou.

Não vou.

Sabe de uma coisa: eles que se lasquem.

É.

Eles que caminhem. A tarde inteira. Porque eu já cansei. Eu não tenho mais paciência. Não tenho. A paz parece que está rindo de mim. Reparou? Com

todos os terços. Com todos os nervos. Dentes estridentes. Reparou? Vou fazer mais o quê, hein?

Hein?

Quem vai ressuscitar meu filho, o Joaquim? Eu é que não vou levar a foto do menino para ficar exibindo lá embaixo. Carregando na avenida a minha ferida. Marchar não vou, ao lado de polícia. Toda vez que vejo a foto do Joaquim, dá um nó. Uma saudade. Sabe? Uma dor na vista. Um cisco no peito. Sem fim. Uma dor.

Dor. Dor. Dor.

Dor.

A minha vontade é sair gritando. Urrando. Soltando tiro. Juro. Meu Jesus! Matando todo mundo. É. Todo mundo. Eu matava, pode ter certeza. A paz é que é culpada. Sabe, não sabe?

A paz é que não deixa.

Diferente do conto anterior, esse soa como um despertar para o senso comum, faz o leitor refletir ainda mais sobre vários aspectos a negação inicial da personagem Da paz que diz: “Eu não sou da paz”, nos leva a entender inicialmente que essa personagem prefere a guerra, Duarte (2020, p.35) diz que “O que acontece é que essa afirmação não parece nos levar ao melhor caminho de leitura para a narrativa. É preciso considerar o interdiscurso, a polifonia, a hibridização, a violência simbólica e os modos de escrita da literatura contemporânea.”

Freire cria nessa narrativa uma enunciação que considera uma relação interdiscursiva: quem lê espera de cara um chamado pela paz, aí vem a personagem e se nega a aceitar esse convite. A narrativa forte e sagaz, mostra em torno do texto, uma mulher que em meio as suas dores ao receber um convite para reivindicar a paz se nega de imediato, isso porque a personagem não acha justo e ainda deixa claro que paz é coisa de gente rica, pobre não tem paz. A negativa e a atribuição da paz ao rico evidenciam o distanciamento em relação àquilo que não pertence ao lugar social que a personagem ocupa.

Há latente ainda uma crítica às mídias, a personagem se nega a se associar aos símbolos¹⁰ que representam a paz, porque para ela esses são fruto de um discurso hipócrita professados e perpetuados pela grande mídia¹¹, para a personagem essa tão linda paz só é vista nas televisões, nos outdoors, na grande propaganda hipócrita que os veículos de imprensa mostram, para ela a realidade é bem diferente do que é mostrado nesses veículos.

Outro ponto que chama muita atenção é quando a personagem diz que a paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue. Claramente há uma

¹⁰ Pomba branca, rosa, camiseta, multidão.

¹¹ Instituições veiculadoras capazes de ditar condutas sociais, incluindo e excluindo indivíduos.

dualidade de interpretações, quem lê de cara entende que a personagem critica o fato de que para se ter paz necessita ter uma guerra, e que conflito seria esse? Acreditamos que o conflito das camadas sociais, depois em outro momento entendemos que a personagem põe a paz como algo que claramente está do lado daquele que historicamente esteve sempre no lugar de privilégio e que nunca teve que reivindicar por voz no espaço social: o sujeito branco.

Unindo essa relação de privilégios do sujeito e colocando a personagem no seu lugar de fala, Duarte (2020, p.35) afirma que “O “pedaço” da personagem é o seu lugar no morro – espaço social no qual estão aqueles em situação de vulnerabilidade em relação ao outro –, enquanto “lá” é o asfalto – espaço social em que se encontram os privilegiados.” Pensando assim e refletindo sobre o lugar onde essa “paz” transita, a personagem mais uma vez denuncia e coloca em questão o fato de que essa paz sempre beneficie aqueles que já têm privilégios – o sujeito branco.

Diante de tudo e de maneira geral vemos no conto a voz de uma personagem cansada e revoltada com a violência sofrida diariamente pelas pessoas negras, pobres e da periferia, especialmente a violência relacionada aos abusos de poder e excessos cometidos pela polícia, além de todos os outros preconceitos sofridos. Retrata, além disso, a desesperança por uma situação de vida diferente, e a revolta contra aqueles que dizem lutar pela paz de maneira falsa. Por fim, traz a dor de uma mãe que perde um filho, seja este inocente ou não, de maneira violenta.

São muitas as mães que perdem seus filhos de maneira injusta, são muitos os privilégios para quem já nasce privilegiado. Vemos que o conto encena, através do discurso reivindicativo de uma mulher, a dualidade da paz. Por meio do discurso da negação, é posta em cena e em xeque uma paz institucional – que passaria bem tanto pela tela da TV quanto por uma passeata organizada pelas ruas da cidade – e uma paz silenciada – que insiste em resistir à violência simbólica do discurso do opressor.

4 NA SALA DE AULA: DIÁLOGOS SOBRE LITERATURA E CRÍTICA SOCIOCULTURAL

Dalvi (2013, p.68) afirma que “é necessário instituir a experiência ou vivência de leitura literária, bem como a constituição de sujeitos leitores, como fundantes ou inerentes também ao ensino de literatura, mas para isso é preciso aprender – e

ensinar -, no âmbito mesmo do movimento teoria - prática – teoria.” Com essa afirmativa, não há como deixar de elencar o quão a leitura deve estar presente na vida acadêmica dos alunos, há claramente um chamado para que os docentes comecem a entender que para se ensinar literatura é necessário saber sobre literatura, compreender que teoria e prática devem caminhar lado a lado.

Chartier e Hébrard (1995) afirmam que há a presença de dois discursos dentro dessa perspectiva da literatura escolar. Um dele é o da escola sobre a leitura e outro é o da leitura sobre a escola. Parece-nos que não há uma sintonia entre esses dois tipos de discursos, na medida em que se observa um descompasso entre as práticas de leitura que circulam na escola e as discussões sobre leitura recorrentes fora do espaço escolar.

Dalvi (2013, p. 124) afirma, também, que a literatura é um “conteúdo” que deve ser ensinado e aprendido mesmo que o custo seja o sacrifício do texto literário em sua fatura estética.” Ou seja, devemos entender que ensinar literatura está para além do texto literário, é compreender mesmo o local de fala do aluno, de onde ele vem, e para onde ele quer ir.

É fatídico, então, que as conexões entre leitura e literatura existem, tendo como suporte os discursos teóricos, os quais investigam a inter-relação entre as concepções de leitura, texto e literatura presentes em sala de aula. Contudo, essas discussões teóricas geralmente perdem-se na prática de sala de aula, havendo mais “desencontros” que “encontros” a respeito das conexões entre leitura, literatura e escola.

Pensando nisso, não há como não dialogar sobre a diferença entre o público que estuda essa literatura é extremamente importante ressaltar o lugar e gama cultura que o aluno de literatura vive e tem. Um aluno da rede pública por exemplo, tem menos gama cultural que um aluno matriculado da rede privada, o que de certo modo torna esses alunos da rede pública menos incapazes de acessar os mesmos produtos culturais que circulam nas esferas altamente letradas, geralmente privilegiadas do ponto de vista socioeconômico, necessitando, pois, de “facilitação” ou “ajuda”. Pensando nesse sentido, entendemos, assim como Cosson (2020, p. 99), que “a literatura é uma produção cultural que representa as relações sociais e expressa identidades.”

Então, não tem como ensinar literatura sem compreender o papel e o lugar social em que os alunos estão inseridos. Por isso ensinar literatura dentro de uma

perspectiva contemporânea de ensino, deve se pautar no que Cosson (2020, p. 100) pensa, ou seja, “deve-se abrir mão do cânone existente para garantir então uma maior representatividade cultural e assegurar o direito à memória cultural de grupos que sofreram exclusão”.

Agora, para que isso tudo aconteça a escola e o professor necessitam abrir muitas vezes abdicar do livro didático e do texto poético que nele está inserido, e dar vez ao que comumente está inserido na vida do aluno. Dalvi (2003, p.75) afirma que:

Os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico-cultural. Principalmente para alunos economicamente desfavorecidos, o acesso ao circuito literário é, às vezes, tão impensável quanto ao cruzeiro para as ilhas gregas. No entanto, a escola se esquece de que talvez fosse o caso de apurar o olhar para análise de formas literárias populares, como a música que toca nas rádios, a novela, o filme de Hollywood, o grafite como poesia visual, etc...

Dito isto, as aulas necessitam cada vez mais se pautar num ensino mais próximo do aluno fazendo com que este seja motivado a aprender, porque verá que a literatura não é apenas mais uma disciplina de leitura qualquer, mas é um ato cultural que o levará muitas vezes a denunciar certas desigualdades. A literatura, nesse sentido, para a ser democratizada, aberta, livre das algemas dos cânones.

Cosson (2020, p. 101), sobre isso, destaca a literatura como sendo um meio de humanização dos leitores, sobretudo aqueles em processo de formação, isso porque a leitura de certas representações sociais presentes nas obras literárias favorece a empatia social. Trabalhar nesse sentido com a literatura marginal como proposta didática coloca em evidência o conceito do mesmo autor em onde a literatura vale pelo espaço de representação social que oferece tanto ao autor quanto ao leitor.

Por isso, a literatura é tão importante dentro da escola e na sala de aula porque certas questões sociais ganham visibilidade através das obras literárias. Os textos literários não podem ser meros pretextos para aprendizagem gramatical ou metalinguística, porque não se esgotam na superfície textual.

Ao realizar o corpus dessa pesquisa, diante das reflexões feitas através da leitura das obras de Cosson (2020) e Dalvi (2013), buscamos de alguma maneira entender como poderíamos trabalhar a literatura marginal numa perspectiva teórica e prática, visto que a teoria literária precisa subsidiar a prática pedagógica dos professores, no sentido de transformar os alunos em leitores críticos da literatura. A sala de aula ainda é um espaço marcado pelas abordagens formalistas e

estruturalistas que analisam o texto literário como produto. Essa proposta busca diretamente fazer com que nossos alunos-leitores possam encontrar razões concretas para o estudo da literatura como fenômeno artístico atrelado às transformações históricas, sociais e culturais.

Para que isso acontecesse elaboramos um plano didático através de uma sequência didática e de um módulo de ensino e aplicamos em duas aulas através de uma turma de um curso piloto, ofertado pela professora da disciplina de Estágio de Literatura no Ensino Médio do DLA da UEPB¹². A proposta didática está descrita no subtópico seguinte apresentado nesse artigo.

4.1 Relato do plano de aula realizado no curso piloto de literatura.

O estágio de literatura foi realizado na modalidade de ensino remoto, isto é, online, por meio de um curso-piloto. O curso recebeu o nome de “Descomplicando a literatura: estudos para o ENEM” e foi realizado nas terças e quintas-feiras, das 19h às 20h30, durante o período de 06 de outubro de 2022 a 17 de novembro do mesmo ano. As inscrições foram feitas através da plataforma do Google Forms e as aulas foram ministradas pelo Google Meet.

Imagem 2: Registro dos alunos estagiários em aula remota de orientação com a professora supervisora no dia 27 de setembro de 2022 via plataforma “Google Meet”



Fonte: Arquivo pessoal

¹² Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba

O público alvo do curso-piloto eram alunos do ensino médio, vestibulandos e universitários, visto que tinha como enfoque o estudo da literatura voltado para o Exame Nacional do Ensino Médio. Desse modo, as aulas tinham como objetivo principal contribuir para o desempenho dos alunos na resolução de questões de literatura no ENEM.

Embora o objetivo do curso fosse esse, a nossa proposta se tornou ousada, tivemos de certo modo a ideia de apresentar uma temática que envolvesse a desigualdade social e a violência policial que permitiu a reflexão individual e a tomada de consciência de cada sujeito enquanto cidadão, de modo que, a partir das discussões, cada pessoa possa mudar as suas próprias atitudes pensando no bem-estar do outro, buscamos antes de mais nada trazer à tona a obra literária sob uma ótica interdisciplinar, reconhecendo as relações entre Literatura e Sociologia, Literatura e História, Literatura e Psicologia dentre outras relações.

O tema da Sequência Didática foi “A literatura e a denúncia às desigualdades sociais: um olhar crítico acerca da criminalidade social”. Trata-se de um tema que consideramos relevante refletir no cenário atual de nossa sociedade, pois percebemos que a desigualdade social também se faz presente em um contexto de violência policial contra pessoas marginalizadas, a exemplo dos negros e pobres — que sofrem mais violência e preconceitos do que outras classes sociais mais privilegiadas. Utilizamos, para este fim, dois contos literários contemporâneos: “O grande assalto” de Ferréz e “Da paz” de Marcelino Freire; discutindo também as características da literatura marginal contemporânea. Além dos contos, também utilizamos as músicas “Até quando?” de Gabriel o Pensador e “Você aprendeu a amar?”, de Priscilla Alcântara com participação do rapper Emicida; manchetes de reportagens; e duas questões do ENEM.

A estratégia metodológica que adotamos nas duas aulas consistia, basicamente, em ler os textos, assistir aos vídeos ou ouvir as músicas e em seguida fazer perguntas à turma e, a partir disso, conduzir a aula da forma que tínhamos planejado. Entretanto, havíamos imaginado previamente que o silêncio da turma poderia acontecer e, portanto, pensamos em possíveis respostas para nossas perguntas.

Na primeira aula a ideia inicial foi reproduzir a música “Até quando?”¹³, e sua respectiva letra, de Gabriel o Pensador. Com isso, pensamos em refletir sobre o lugar das pessoas marginalizadas na sociedade e as suas dificuldades diárias expostas na canção. Em seguida, analisar algumas manchetes de reportagens em que estava exposta a violência policial contra pessoas negras e pobres. E, posteriormente, fazer a leitura do conto “O grande assalto” de Ferréz. O conto relata, de maneira ficcional, um assalto que aconteceu na Avenida Santo Amaro, em São Paulo, praticado por um homem malvestido que parecia um mendigo. O objeto do roubo eram bolas promocionais de uma concessionária, porém o homem acabou sendo espancado por policiais que passavam lá naquele momento. No conto, também é exposto o preconceito das pessoas que estavam em volta e observavam a cena, fazendo pré-julgamentos acerca do homem malvestido. Enquanto outra pessoa que estava cometendo um crime mais grave — um jovem que levava drogas no carro para vender em sua faculdade — passa despercebida pelos policiais e pelo restante das pessoas.

Ao discutir e analisar o conto, buscamos mostrar aos alunos a incoerência das pessoas e a ironia da situação; além de todos os preconceitos que os personagens apresentavam devido à desigualdade social. Em seguida, falar um pouco sobre a literatura contemporânea marginal, suas características, e a importância do autor Ferréz para ela — também mostrando um pouco da biografia do autor e apresentando outros trabalhos¹⁴ dele, para finalizar trazer uma questão do ENEM¹⁵.

Imagem 3: Slide do primeiro dia de aula.



Fonte: Arquivo pessoal

¹³ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=atXuxbc7zZk> >

¹⁴ Obras como o terrorismo literário que inicia uma série de discussões acerca da literatura marginal;

¹⁵ Disponível em

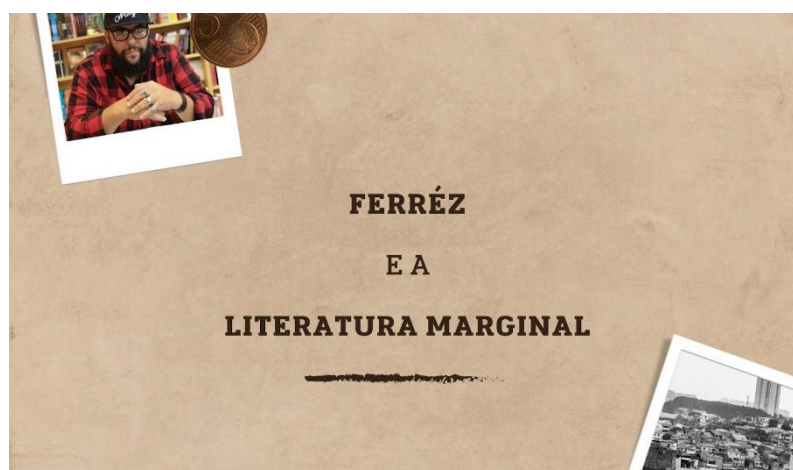
https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2014/2014_PV_impresso_D2_CD5.pdf

Imagem 4: Slide do primeiro dia de aula.



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 5: Slide do primeiro dia de aula.



Fonte: Arquivo pessoal

Partindo para o segundo dia de aula, inicialmente, como elemento motivador, a ideia foi reproduzir a música e a letra da canção “Você aprendeu a amar?” de Priscilla Alcântara¹⁶, com participação do rapper Emicida. A partir da letra da música, refletir, junto com a turma sobre a hipocrisia das pessoas que têm uma comoção seletiva. Isto é, pessoas que se comovem com determinados acontecimentos, mas ignoram outros de igual ou maior importância, nesse momento foram feitas algumas perguntas aos discentes, que contribuíram demais com suas respostas, criou-se a partir desse momento um debate sobre a razão e a emoção, os alunos concordaram em maioria com a letra da música, uma vez que como elencado mais adiante reforça a hipocrisia

¹⁶ Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=j_9g0MsWRRQ >

social, vivida pela humanidade . Na música, é dito que todos os dias morrem Floyd's na América e João Pedro's no Brasil — vítimas da violência policial. No entanto, esses acontecimentos são, muitas vezes, ignorados pelas pessoas e pela mídia. Nesse sentido, é feito um convite aos alunos a refletir sobre esses casos e também a pensar sobre quando nós mesmos agimos de tal forma. Para tanto, a ideia é expor algumas manchetes sobre os crimes cometidos contra George Floyd e João Pedro, tanto para lembrar esses acontecimentos e a repercussão que tiveram, quanto para aprofundar a reflexão acerca da desigualdade social.

Seguindo faz-se necessário realizar a leitura do conto “Da paz”, de Marcelino Freire, com bastante espontaneidade para demonstrar melhor a revolta da personagem retratada no texto. Trata-se de uma personagem feminina que perdeu um filho para a violência policial e que por isso, entre outros motivos, se recusa a participar de passeatas pela paz organizadas por pessoas da alta sociedade. Para esta mulher, a paz defendida por essas pessoas é falsa, e suas passeatas, ridículas. A partir desse texto, a ideia é continuar a refletir sobre as desigualdades sociais, que se refletem na violência policial contra sujeitos marginalizados. Após a discussão do texto, discute-se sobre alguns elementos utilizados pelos autores Marcelino Freire e Ferréz na construção dos contos, como as marcas de oralidade, o uso da linguagem popular e a ironia — recursos característicos da literatura contemporânea marginal. Posteriormente, apresenta-se brevemente aos alunos um pouco sobre o autor Marcelino Freire que, junto com Ferréz, mostra-se muito importante para a literatura marginal brasileira.

Depois disso, para que haja uma interação e percepção melhor sobre o conto de Freire a ideia reproduzimos um vídeo no qual a atriz e slammer Naruna¹⁷ recita e encena o conto “Da paz”. Questionando aos alunos se a representação feita pela atriz mudou, de alguma forma, a visão que eles tiveram sobre o texto. Naruna dá vida à personagem do conto e os recursos estilísticos utilizados por ela são muito importantes para a construção da sua performance.

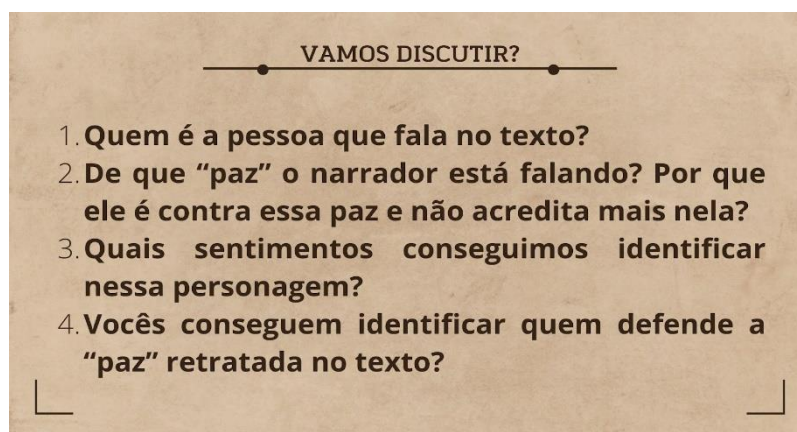
¹⁷ Atriz, diretora, cantora e compositora. Desde 2002, é uma das artistas do "Grupo Clariô de Teatro" e do grupo musical "Clarianas".

Imagem 6: Slide do segundo dia de aula



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 7: Slide do segundo dia de aula



Fonte: arquivo pessoal

A proposta acima foi aplicada e o resultado obtido com a aplicação foi satisfatória uma vez que o objetivo de compreender a literatura contemporânea e periférica, refletindo sobre a problemática da desigualdade social havia sido atingido, isso porque através do feedback dos alunos, obtivemos êxitos nas respostas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não tem como finalizar esse trabalho sem pensar no que Almeida (2019) elenca quando diz "que o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais". Além do estruturalismo social e da segregação o racismo está evidenciado e presente no subconsciente das

peessoas, existem pessoas que por conta de todo processo social já cometem determinadas práticas pelo simples fato de viver abertamente isso, acreditamos, portanto, que o mostrar, enfatizar e colocar em evidencia certas discussões são extremamente importantes para que certas práticas não mais aconteçam ou pelo menos se torne algo menos evidente.

Trabalhar a literatura marginal dentro da sala de aula é isso. É compreender que a educação literária proposta pela escola merece ser reavaliada, é fazer com que o aluno reflita sobre certas problemáticas sociais criando por si próprios uma nova visão de mundo, isso tudo nos faz refletir sobre de que adianta “ensinar” os alunos a memorizar características dos diferentes estilos de época, situando-se a produção literária em “blocos monolíticos de períodos literários”, se os educandos não conseguem ter uma compreensão mais ampla do objeto literário? Talvez fosse o caso de repensar uma nova forma do processo de ensino-aprendizagem da literatura na escola buscando sintonia entre a prática pedagógica dos professores e as contribuições da teoria literária.

A literatura precisa quebrar os grilhões canônicos e buscar fazer com que o aluno-leitor encontre na leitura do texto literário um espaço lúdico de reconstrução de sentidos. Na verdade, concordamos com Lajolo (apud AMARAL, 1986: 05) quando propõe uma "educação para a literatura", despertando o aluno para a compreensão do texto enquanto multiplicidade de significados dentro das esferas cultural, ideológica, social, histórica e política.

Esse trabalho, portanto, nos faz lembrar que cabe à escola dar continuidade (e as vezes começar) a educação iniciada nas famílias, portanto, formar para a cidadania deve ser a principal preocupação da escola. De nada adianta “encher” a cabeça dos alunos com conteúdo das diferentes disciplinas que compõe a grade curricular dos cursos, se o aluno não aplicar esses conhecimentos para melhorar a relação com o seu próximo, para indignar-se com as situações de desrespeito aos direitos humanos, para exigir o cumprimento das leis, para agir em todo tempo e lugar dentro dos preceitos de respeito e dignidade do ser humano. E isso só é possível quando a escola como um todo, proporcione a educação integral, que leve os educandos a agir como cidadão de fato e de direito em todo tempo e lugar, fazendo assim como que esses alunos tornem-se cidadãos sempre conscientes do seu papel dentro da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. 1.ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- BORGES, Juliana. **Encarceramentos em massa**. 1. ed. São Paulo: Polén, 2019.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CHARTIER, Anne e HEBRÁRD, Jean. **Discursos sobre a leitura**. São Paulo: Ática. 1995.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSSON, Rildo. **A prática do letramento literário em sala**. In: GONÇALVES, Adair e PINHEIRO, Alexandra S. (Orgs.). Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.
- COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020
- DALVI, Maria Amélia. Drummond: a invenção de um poeta nacional pelo livro didático. Vitória: Edufes, 2011.
- DALVI, Maria Amélia. **Ensino de Literatura: algumas contribuições**. In: Elzira Yoko Uyeno; Mirian Buab Puzzo; Vera L. B. da S. Renda. (Org.). Linguística Aplicada, Lin-guística e Literatura: intersecções profícuas. Campinas: Pontes, 2012.
- DALVI, Maria Amélia. **Literatura na escola: propostas didático-metodológicas**. In: Maria Amélia Dalvi; Neide Luzia de Rezende; Rita Jover-Faleiros. (Org.). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- DALVI, Maria Amélia, RAMALHETE, Mariana Passos, SCHWARTZ, Cleonara Maria. **Ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa na Educação Básica: historicidade e contemporaneidade em chave crítica**. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 14, n. 27, p. 340-359, 2020.
- DUARTE, Rafael. **A violência da paz: uma breve análise literário- discursiva do conto “Da paz”, de Marcelino Freire**. Cespuc, Minas Gerais, 2020
- FERRÉZ, Reginaldo Ferreira. **Terrorismo literário**. In: FERRÉZ (org.).Literatura marginal: talentos da escrita marginal.Rio de Janeiro:Agir, 2005.
- FERRÉZ, Reginaldo Ferreira. **O grande assalto**. In: FERRÉZ. Ninguém é inocente em São Paulo. São Paulo: Selo Povo, 2006.

FREIRE, Marcelino. **Rasif: mar que arrebenta**. Rio de Janeiro: Record, 2008. ISBN 978-85-01-07252-8. Disponível em: <https://www.record.com.br/produto/rasif/>.

IPOFEN. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Disponível em: <https://dados.mj.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias>. Acesso em: 14 mar. 2023

JUSTINO, Luciano B. **Gênero e marginalidade na literatura contemporânea**. In: SILVA, Antônio P. D. da; ALMEIDA, M.de L.L.; ARANHA, S.D.de G. (Orgs.). *Literatura e linguística: teoria, análise, prática*. João Pessoa: EdUFBP, 2007. p.13-28.

Universidade Estadual da Paraíba. **Projeto Pedagógico de Curso PPC: Letras Português (Licenciatura) / Universidade Estadual da Paraíba CEDUC** ; Núcleo docente estruturante. Campina Grande: EDUEPB, 2016.